

## **CONDILLAC: das sensações nasce todo o sistema do homem**

## **CONDILLAC: of sensations is born the whole system of man**

Jefferson Silva do Rêgo

**Resumo:** Condillac (1715 – 1780), viveu no período do Iluminismo. Este artigo trata das obras *Tratado dos sistemas* e *Tratado das sensações*, publicadas em 1754, cujo tema é as sensações e sua relação com o pensamento e o conhecimento, de um modo que não se poderia deixar de ver a íntima relação com o diálogo *Teeteto* de Platão e com o *Ensaio sobre o entendimento* de John Locke. No *Tratado dos sistemas*, Condillac conduziu sua pesquisa através das leituras dos Clássicos: Platão e Aristóteles, e do também Iluminista, John Locke, atribuindo a Locke uma importância extraordinária no entendimento da razão. Discorreu sobre as origens do Inatismo, colocando-se como desconhecedor de suas origens. Assim, afastando-se das ideias inatas, a ciência só pode se estabelecer a partir da racionalidade, que requer entender como o pensamento funciona. Condillac separou sensações e sentidos: os sentidos seriam a causa. Ele está obviamente falando dos órgãos do corpo humano, e as sensações são de fato os estímulos psíquicos que os sentidos captam da natureza e das coisas. Para ele, não existe outro modo de se adquirir conhecimento. O ser humano aprende tudo o que sabe ou poderia saber através das sensações que os sentidos transmitem ao pensamento. Logo, não há conhecimento que não proceda do exterior para o interior do ser humano.

**Palavras-chave:** Sistema. Sensações. Linguagem.

**Abstract:** Condillac (1715 – 1780), lived in the period of the Enlightenment. This article deals with works *Traité des systêmes* and *Treaty of sensations*, published in 1754, whose theme is sensations and their relationship with human knowledge, comparing with Plato's *Teetet* and John Locke's *Essay on Understanding*. In the *Traité des systêmes*, Condillac conducted his research through the readings of the Classics: Plato and Socrates, and the Enlightenment too, John Locke. Condillac spoke about the origins of Inatism, posing as ignorant of its origins. So, moving away from innate ideas, science can only establish itself from rationality, which requires understanding how thought works. Condillac separated sensations and senses: the senses would be the cause. He's obviously talking about the organs of the human body, and sensations are in fact the psychic stimuli that the senses perceive from nature and things. For him, there is no other way to acquire knowledge. The human being learns everything he knows or could know through sensations that the senses transmit to the thought. Therefore, there is no knowledge that does not proceed from the outside to the inside of the human being.

**Palavras-chave:** System. sensations. Language.

## Introdução

Condillac nasceu em 1715 e morreu em 1780, passando a vida inteira durante o período chamado de Iluminismo e foi amigo dos líderes desse movimento. Estudou para ser Padre no Seminário de Paris e Teologia na Sorbonne, tendo sido ordenado Padre. Este artigo trata das obras *Tratado dos Sistemas* e *Tratado das Sensações*, publicadas respectivamente em 1749 e em 1754, cujo tema é sem sombra de dúvidas as sensações e sua relação com o pensamento e o conhecimento, de um modo que não se poderia deixar de ver a íntima relação com o diálogo *Teeteto* de Platão e o *Ensaio sobre o entendimento humano* de John Locke. Além desses tratados escreveu o *Tratado sobre os animais*, a *Língua dos cálculos*, obra não terminada.

Não há sistemas inatos no homem, isso é o que se desprende dos tratados de Condillac. Tudo que existe na ciência deve ser construído ou deduzido através da racionalidade. Todos os sistemas estão prontos na natureza, basta que os seres humanos necessitem de um deles para encontrá-lo. Quando um sistema é deduzido por um ser humano, todos os outros, que não o viam, passam a vê-lo. Os sistemas são feitos de princípios bem constatados pela ciência, quando um conjunto de princípios é elaborado e integrado, ele forma um sistema.

Quase todos os Iluministas franceses leram o *Ensaio acerca do entendimento humano*, publicado em 1690), de John Locke; obra na qual é explanada a relação de implicação entre sensação e conhecimento. A inovação do método de Locke deveu-se à recusa sistemática ao inatismo e à metafísica, em favor do empirismo como a principal maneira de construir o conhecimento, de sorte que princípios inatos não existem. O conhecimento é fruto da experiência no e com o mundo. E o que é inato no homem é da ordem do corpo, portanto, apenas a mente onde reside a inteligência e a linguagem enquanto órgão desse corpo. Assim, é pela operação do entendimento diante do mundo que construímos, via palavras, tudo que é conhecimento humano: “Os homens podem chegar a todos os seus conhecimentos pelo simples uso das faculdades naturais e sem o auxílio de qualquer impressão inata; e ainda que podem atingir conhecimentos certos sem o recurso a tais noções ou princípios originários” (LOCKE, 1999, p.31).

Em Condillac, existe somente o corpo físico no homem. Desse modo, do conjunto que se organiza através da linguagem, somente as sensações são do indivíduo. Todo o resto, inclusive a análise das sensações, que é feita pela memória, é feito por meio dos valores

adquiridos. Os sistemas da natureza, diferente da ideia de John Locke, dependem da racionalidade e dos elementos externos para serem adquiridos, porque dependem do conhecimento adquirido e guardado na memória, para interpretação da nova sensação. O ser humano está composto de corpo e alma. O corpo possui os sentidos e a alma as sensações. A alma sente as sensações pelos sentidos, principalmente o tato, e forma a memória das sensações.

Neste artigo se tenta sintetizar, dos pensamentos de Condillac, que os sentidos são faculdades do corpo e podem faltar, mas, do mesmo modo, as sensações são capacidades da alma e não podem faltar, então, poderiam ser ditas capacidades do corpo. Reproduzindo Condillac, os sentidos são comuns a todos, mas os conhecimentos não o são, parece nessa frase que Condillac dividiu os sentidos e as sensações e que existe uma diferenciação entre os indivíduos, que se pode atribuir às particularidades das sensações ou da alma em cada um. Então, na essência, corpo e alma, todos os seres humanos são iguais, mas na superfície, na competência e atuação do corpo e da alma, cada um se particulariza em conhecimentos adquiridos diferentes.

Em *Lógica*, texto de 1781, Condillac afirmou que o ser humano teria se viciado na língua, por isso não consegue perceber e nem utilizar outros mecanismos de comunicação. Essa afirmação de Condillac leva a pensar em como o ser humano interpreta o mundo. Se a língua é uma estrutura, nesse caso, produzida pelo homem, nunca inata, significaria que a interpretação de todos os sistemas como estrutura seria também um vício, portanto, pode-se pensar que poderia não ser verdadeiro que o universo seja infinito e que tudo está sustentado por algo ainda maior. Também é interessante pensar em como a estrutura da língua se tornara um fato. De todo modo que se pensa, o ser humano é viciado na língua e mesmo quando projeta outros mecanismos de comunicação sempre o faz na forma de uma estrutura.

Nesse jogo, a linguagem é puro sentimento, porque é uma estrutura formada das sensações, e novas sensações são sempre interpretadas pela memória das sensações anteriores. O indivíduo possui o conhecimento que armazenou na memória na forma de língua, porém, as sensações físicas é que criaram essa memória. Diferente de Locke, Condillac não atribui à reflexão o poder de criar conhecimento, porque ela não é um fato inato no homem, mas criado pela racionalidade das experiências memorizadas. Sendo a língua a materialização das sensações, portanto, a memória das sensações, e sendo o conhecimento as experiências sentidas e memorizadas, a racionalidade dos seres humanos é dominada pela relação das sensações com

as experiências memorizadas, logo, a língua materializada é puro sentimento do modo social de sentir.

### **Sistemas e o pensamento**

No *Tratado dos Sistemas*, Condillac tratou do conhecimento humano, sempre em diálogo com a obra filosófica dos clássicos Platão e Aristóteles, e, principalmente, com a obra do também Iluminista, John Locke. Assim, Condillac discorreu sobre as origens do Inatismo, colocando-se como desconhecedor de suas origens, apesar de citar os cartesianos e de ter lido Platão, as duas fontes do conceito de ideias inatas à época.

No Ocidente, Platão (séc. IV a.C.) é quem vai elaborar a versão *standard* do inatismo ou conhecimento inato, segundo o qual “a alma precede o corpo”. Essa versão-padrão ficou conhecida como “doutrina da reminiscência”, que é apresentada numa passagem clássica do diálogo *Menon*, na qual Sócrates diz a Menon:

(...) Já que a alma é imortal e já que viveu diversas vidas, e já que viu tudo o que se passa aqui e no Hades, não há nada que não tenha aprendido. Também não é absolutamente surpreendente que sobre a virtude e sobre o resto, ela possa se lembrar do que soube anteriormente. Como tudo se conserva na natureza e como a alma tudo aprendeu, nada impede que ao se lembrar de uma coisa “o que os homens chamam de aprender” ela reencontre em si mesma todas as outras, conquanto que seja corajosa e não se canse de buscar; porque buscar e aprender não é senão relembrar (apud Rezende 1999:51).

Desse modo, de acordo com Condillac, a ciência, afastando-se das ideias inatas, só pode se estabelecer a partir da racionalidade, que requer entender e aplicar como o pensamento funciona, ou seja, sempre em uma estrutura. Para isso, são necessários princípios que se organizam piramidalmente num sistema: dos fatos gerais até os fatos constatados.

No *Tratado dos Sistemas*, texto de 1749, Condillac afirmou que “um sistema não é outra coisa que a disposição das diferentes partes de uma arte ou de uma ciência numa ordem onde elas se sustentam todas mutuamente, e onde as últimas se explicam pelas primeiras” (1986, p. 03). Está muito clara a ideia de ser o sistema algo estruturado, mas, acima de tudo, que os sistemas são leis incontestáveis, algo absoluto, retirados da forma de ser da natureza, não sendo nunca criação, mas leitura a partir da observação. Na mesma página, Condillac escreveu “o sistema é tão mais perfeito quanto os princípios o são no menor número” (1986, p. 03). Então

os sistemas se constituem de uma série de camadas de princípios, dos mais gerais até os fatos constatados, enquanto não se alcançar a constatação dos elementos básicos, não se alcançou a verdadeira constituição do sistema. Para se chegar à descrição do que seria sistema, pode-se dizer que toda vez que se elabora um conjunto de princípios integrados, forma-se um sistema.

No *Curso de Linguística Geral*, os alunos de Saussure reproduziram a fala do professor, o que leva a crer que ele tinha conhecimento das conclusões do século XVIII sobre o sistema humano de construir todas as coisas: “a língua constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, igualmente psíquicas” (SAUSSURE, 1971, p. 23). Sobre esse processo, Saussure disse: “a faculdade de constituir uma língua: um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas” (SAUSSURE, 1971, p. 18). Em Locke, as palavras correspondem a ideias gerais, sempre atualizadas e particularizadas na fala, havendo, assim, uma provável correlação entre palavra para Locke e signo para Saussure, nos dois casos objetivava-se explicar a constituição da estrutura. Para completar, amarra-se em Condillac a visão sobre sistema de Saussure, que disse: (SAUSSURE, 1971, p.16) “a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado”.

Na classificação de Saussure, sistema estabelecido corresponde à língua e evolução corresponde ao processo/fala. Segundo Humboldt (1990), a língua corresponde a um princípio de regularidade e opressão. Ela obriga os falantes a permanecerem fiéis às ideias e aos fatos comuns à nação. E o processo equivale à libertação, no qual o indivíduo empreende uma luta contra os limites que os recursos, adquiridos da língua, lhe impõem. Em Humboldt, a língua corresponde ao espírito nacional e o processo relaciona-se ao indivíduo. Em Saussure, a língua corresponde à sociedade/cultura e o processo consiste na fala. Em ambos, o sistema está posto como uma estrutura de fatos constatados. Em Condillac, o sistema é concebido da mesma maneira e o conhecimento se atualiza sempre por meio de sensações novas que encontram ecos em experiências ou sensações transformadas em memória. Em todos os linguistas, a língua, enquanto forma em uso, é constantemente atualizada pelos indivíduos a cada ato de fala. “Os sistemas são antigos: a natureza ordena fazê-los” (Condillac, 1986, p. 5).

Nessa citação, pode ser observada a ideia de Condillac quanto à origem dos sistemas. Eles estão dados pela natureza. De fato, parece ser infinita a quantidade de sistemas possíveis. Os seres humanos não os notam facilmente, são necessárias necessidades específicas para fazê-

los emergir: “os homens observavam, isto é, notavam os fatos relativos às suas necessidades” (op. cit, p. 5). Os sistemas ditos verdadeiros são aqueles que estão fundamentados em princípios bem constatados. Esses seriam aqueles das ciências, logo, seriam os verdadeiros sistemas. Condillac aprofundou a aplicação da razão na ciência, afastando qualquer princípio de inatismo e ressaltando a racionalidade e conseqüentemente o físico e o humano. Classificou os sistemas segundo seu grau de verificação, deixando claro que a ciência não pode incluir princípios que sejam fatos refutáveis. Em suas palavras: “Chamarei sistemas abstratos aqueles que versam somente sobre princípios abstratos; e hipóteses aqueles que têm apenas suposições por fundamento” (CONDILLAC, 1986, p. 5).

Obviamente Condillac não mencionou essa relação entre inatismo e metafísica, mas deixou-a subentendida, à medida que ele e os outros iluministas parecem ter essa relação ideada. Condillac desconsiderou a metafísica como ciência das primeiras verdades, dos primeiros princípios das coisas. Desse modo, concordou com Locke quanto a impossibilidade da existência de princípios inatos. Então, os sistemas são todos da ordem da racionalidade, mas estão dados pela natureza. Assim, se depende sempre da racionalidade para depreender os princípios verdadeiros dos sistemas.

Tomemos por princípios senão fatos bem constatados, os teríamos em maior número do que pensamos; mas pela falta de hábito de seguir esse procedimento ignoramos a maneira de aplicá-los”. a (força da) gravidade dos corpos foi durante todo tempo um fato bem constatado e só em nossos dias é que foi reconhecida como um princípio” (CONDILLAC, op. cit., p. 5).

Desse modo, no que diz respeito à relação entre a língua, a ciência e o pensamento, é possível perceber que Condillac e Humboldt mantiveram um intenso diálogo. E, embora Condillac tenha sido um pouco mais jovem que Humboldt, as contribuições deste foram muito importantes para o desenvolvimento geral dos estudos nesse campo do conhecimento, de sorte que, a partir desses dois pensadores, compreendeu-se melhor o funcionamento articulado dos elementos língua, ciência e pensamento.

Condillac não mencionou essa relação entre inatismo e metafísica, mas deixou-a subentendida, à medida que ele e os outros iluministas parecem ter essa relação ideada. Condillac desconsiderou a metafísica como ciência das primeiras verdades, dos primeiros princípios das coisas. Desse modo, concordou com Locke quanto a impossibilidade da existência de princípios inatos. Então, os sistemas são todos da ordem da racionalidade, mas

estão dados pela natureza. Assim, se depende sempre da racionalidade para depreender os princípios verdadeiros dos sistemas.

### **Pensamento, sensações, reflexões e ideias**

No aludido *Tratado das sensações*, Condillac separou sensações e sentidos: os sentidos seriam a causa. Ele está obviamente falando dos órgãos do corpo humano, e as sensações são de fato os estímulos psíquicos que os sentidos captam da natureza e das coisas. Para ele, não existe outro modo de se adquirir conhecimento, o ser humano aprende tudo o que sabe ou poderia saber através das sensações que os sentidos transmitem ao pensamento. Assim sendo, não há conhecimento que não proceda do exterior para o interior do ser humano. É pelas experiências sociais que se adquire toda a informação. Então, o conhecimento é uma instituição social que os indivíduos aprendem, conforme sua faculdade dos sentidos os faz entrar em contato com os estímulos que podem internalizar.

Condillac associou seus conceitos sobre os sentidos, as sensações e o conhecimento a Aristóteles, mas se torna muito difícil separar suas noções daquelas presentes nos diálogos de Platão, especificamente, no *Teeteto*. Evidentemente, quando ele disse que, segundo Aristóteles, “nossos conhecimentos vêm dos sentidos”, está fazendo referência ao ensaio sobre a *Retórica*. De fato, diferente de Platão e Sócrates, Aristóteles reconhece a ação física dos sentidos e a implicação que o sentido em relação ao estímulo tem para o pensamento. Ele já havia compreendido a relação que a língua tem com o pensamento, enquanto no *Teeteto* e no *Crátilo* há apenas a exploração da relação dos estímulos com o conhecimento e o pensamento, sem explicitar o papel inalienável da língua como intermediadora.

Ao que parece, há uma dificuldade em saber se Condillac, quando escreveu o *Tratado das sensações* em 1754, estava lendo Platão ou Aristóteles. Provavelmente lia os dois, como sugere o trecho seguinte: “ignoro qual foi o motivo de Aristóteles quando enunciou seu princípio sobre a origem dos nossos conhecimentos (...) em tudo ser contrário às opiniões de Platão” (CONDILLAC, 1986, p. 46). A partir disso, duas ideias são bastante plausíveis: 01) Condillac indica que a fonte provável de Aristóteles era Platão. E 02) não é possível saber se Aristóteles tinha outras fontes além de Platão. Neste segundo caso, algo que contribui nesse entendimento é saber que Aristóteles sempre se posicionava contra seu mestre Platão; e que, na *Retórica*, Aristóteles defendeu posições muito similares às do mestre.

Ademais, embora haja em Condillac dúvidas quanto à origem de alguns conceitos, ele afirma textualmente que, desde a Grécia Antiga, dizia-se que os conhecimentos de todos os seres humanos originavam dos sentidos. Enfim, o fato é ele tem duas fontes afirmadas em seu texto: Aristóteles e Locke. E disse ainda que, entre os dois (século III a.C. e século XVIII d.C.), não havia ninguém que tivesse falado sobre o assunto conhecimento que merecesse alguma consideração. Segundo Condillac, teria sido Locke que notara pela primeira vez que a privação de um objeto gerava uma carência que aguçava a determinação dos seres humanos na busca da satisfação dessa privação.

No entanto, teria sido Aristóteles o primeiro a discutir as paixões dos seres humanos e o modo como elas se desdobram a partir da privação de algo. No livro II de sua *Retórica*, um estudo sobre as paixões tornou-se paradigmático em sua obra, especialmente por esclarecer como elas se relacionam com a cognição.

As paixões em Aristóteles são afecções psicológicas expressas pelos vocábulos *pathos* e *pathema*. Entre seus comentadores, não há consenso se é e possível distinguir ambos os vocábulos, já que Aristóteles não fez isso. Basicamente no *De Anima*, *pathos* apresenta três acepções: 01) indica as emoções da pessoa, 02) os atributos ou predicados e 03) as formas de passividade em oposição à atividade. Já o termo *pathema* indicaria mais precisamente a emoção, mas pode significar também afecção e mesmo acontecimento. A definição que abarca todos os sentidos da noção de *pathos* em Aristóteles encontra-se no seguinte trecho da *Metafísica*:

Afecção [*pathos*] significa 01) uma qualidade segundo a qual uma coisa pode ser alterada, como o branco, o preto, o doce e o amargo, o peso e a leveza, e todas as qualidades desta espécie. 02) Em outro sentido, afecção significa a atualização de tudo isso, as alterações que estão em ato. 03) Especialmente, chamam-se afecções [*pathe*] as alterações e mudanças danosas e, acima de tudo, os danos dolorosos. 04) Por fim, afecções se dizem também das grandes calamidades e dos grandes infortúnios.

Minimizando esses entraves de demonstração das fontes, Condillac chega a uma importante conclusão: (CONDILLAC, 1986, p. 47) seria “essa inquietude que dá aos indivíduos os hábitos de tatear, ver, escutar, sentir, degustar, comparar, julgar, refletir, temer, desejar, amar, odiar, esperar, querer; que seria por ela (inquietude) que nasceriam todos os hábitos da alma e do corpo”. Então a inquietude da privação de um objeto gera uma carência, que se repete

conforme as circunstâncias; desse movimento a carência se desdobra em carências novas, tudo isso aguça as faculdades intelectuais humanas e é a origem de todo o conhecimento.

Segundo Condillac, é das sensações que nascem todo o sistema humano. “O sistema é a disposição das diferentes partes de uma arte ou uma ciência numa ordem onde elas se sustentam todas mutuamente, e onde as últimas se explicam pelas primeiras, então as sensações são seu princípio mais básico e importante” (CONDILLAC, 1986, p. 4). Desse modo, o sistema humano de produção de conhecimento ficou reduzido a um único princípio. Deve-se ressaltar que Condillac, valendo-se de sua leitura do *Ensaio acerca do entendimento humano*, de Locke, afirma peremptoriamente que mais perfeito seria o sistema quanto menor for o número de princípios, que o ideal que fosse reduzido a um só. São as sensações que alimentam o pensamento. Em Locke, as ideias veem dos sentidos, que captam as sensações, e das reflexões. Em Condillac, todos os conhecimentos humanos originam-se nos sentidos das sensações.

A grande questão que parece ter movimentado as pesquisas de Condillac está na seguinte afirmação: “não se pode saber uma maneira segura de conduzir constantemente os pensamentos, se não se sabe como são formados” (CONDILLAC, 1986, p.45). Em seu tempo, auge do Iluminismo, as questões metafísicas estavam em plena discussão entre os intelectuais, mas nenhum deles acreditava que os processos de manifestação do conhecimento fossem de outro modo que não linguístico e que no mundo em que viviam só existia materialidade. Desse modo, a metafísica não era mais naquele tempo assunto de religioso, mas sim de cientistas, logo o pensamento era físico e humano.

Condillac explicou o processo de pensar a partir da relação que os indivíduos têm com a realidade. Ele afirma que o ser humano era somente um animal que sentia, ou seja, o que predomina na existência humana são as paixões e as dores. Esse conceito perduraria ainda entre os Comparatistas: quanto mais físico em detrimento do metafísico fosse a concepção de mundo, mais consciência de sua condição de animal os indivíduos teriam. Ora, sendo somente um animal, a dizer, um ser de sentimentos, seria somente através deles que o ser humano percebe as coisas e as situações, uma vez que as sensações produzem o efeito de chamar a atenção do espírito, ou seja, a inteligência.

Essa sensação, como afirma Condillac, torna-se atenção, então, “uma sensação é atenção, seja porque ela está sozinha, seja porque ela é mais viva que todas as outras” (CONDILLAC, 1986, p.49). Notável é a capacidade dos seres humanos de selecionar entre

todos os sentidos, sempre em funcionamento, aquele que merece mais atenção naquele momento, certamente porque está produzindo e transmitindo a informação mais interessante para o pensamento ou os sentimentos daquele indivíduo.

Os sentimentos derivados das sensações fazem o pensamento funcionar, ora tentando encontrar a compreensão daquilo que é sensação ora atualizando aquela sensação com o conhecimento anterior registrado na memória. Então, a memória não pode ser outra coisa que o conjunto das sensações que foram registradas. Ela é as sensações experimentadas e transformadas em experiências vividas. As sensações produzem um sentimento de prazer ou sofrimento, isso faz com que toda a atenção do pensamento se dirija para elas. Essa atenção se junta no pensamento e vira memória ou conhecimento. Por essa memória e pelos sentimentos atualizados pelas sensações, os seres humanos realizam o julgamento da realidade e constroem o juízo. Em perfeita simbiose com Aristóteles, Condillac descreve o processo passional dos seres humanos, é do desejo, da procura do objeto valor, como afirmou Greimas (1971), que nascem as paixões, o amor, o ódio, a esperança, o medo, a vontade. E, ao contrário do que afirmara Locke, Condillac expressou claramente que não acreditava em inatismo para a reflexão e o discernimento. Para ele, reflexão e discernimento não são uma coisa inata, mas algo que “se aperfeiçoa. Logo, se pode ser aperfeiçoado, um dia ele teve de ser iniciado” (CONDILLAC, 1986, p. 52).

Em *Fedro* (2003), Sócrates, personagem platônico, descreve que a exteriorização da memória é uma perda de memória e de saber. Na contemporaneidade, isso parece estar acontecendo em todos os aspectos da existência humana, pois os homens estão ficando dependentes, cada vez mais, de aparelhos sofisticados e de tecnologias no o trabalho de gerenciamento e armazenamento de memória.

Entre os Comparatistas, a educação é o único modo de aperfeiçoamento do discernimento, e a defesa do ensino formal para o povo era o único modo de aperfeiçoar a sociedade. Isso eram frutos do Iluminismo, em que sempre se defendera o desenvolvimento intelectual do povo. Isso é o que se depreende em Condillac, ele afirma que um indivíduo com sentidos treinados percebe muito mais detalhes nas sensações que um não treinado. O exemplo que ele analisou, é a visão de um quadro: “um pintor discerniria nesse quadro mais coisas do que alguém leigo, porque seus olhos seriam mais instruídos” (CONDILLAC, 1986, p. 52). Então se pode pensar que o treinamento leve ao aperfeiçoamento da capacidade de interpretar

sensações. De fato, pode-se dizer que o treinamento nada mais é do que prover o pensamento de memórias ou conhecimento, para que, em situação de uma nova sensação, ele, pensamento, consiga separar o que seja novo como sentimento, do que seja repetição. Assim, diminuindo o impacto do que é novo, ou da quantidade de novidades, o pensamento será capaz de prover uma reação menos emotiva e acidental e mais racional e equilibrada. Condillac expressou essa ideia na frase: “não (se) discerne senão na medida em que (se) aprende a olhar” (CONDILLAC, 1986, p. 52).

Segundo Condillac, “Locke distingue duas fontes de nossas ideias, os sentidos e a reflexão” (CONDILLAC, 1986, p. 48). Os sentidos são os órgãos captadores das sensações, que são as fontes primárias de todas as ideias. De posse dessas ideias, o pensamento pode se conduzir, pela reflexão, a ideias outras, mais complexas inclusive. Esse é o pensamento de Locke, no *Ensaio sobre o entendimento humano*. Condillac não se colocou em completa discordância de Locke, mas disse que se poderia reduzir a fonte das ideias a uma, que seriam os sentidos. A reflexão é de fato a constatação da sensação. Esta última sim é a fonte e o canal de onde emanam todas as ideias. Para Condillac, a reflexão é de fato uma prática, um hábito, que Locke teria tomado como algo inato, por isso teria dito que a reflexão também produz ideias. Claro está que Condillac tinha uma visão mais condensada da ideia de inatismo, talvez retirada da leitura de Locke. Assim, como a reflexão não é inata no ser humano, não pode ser fonte de ideias, os sentidos sim, porque são partes do corpo humano, portanto, inatos.

As sensações apresentam-se ao pensamento todo o tempo, é que os sentidos estão sempre abertos, antenas que captam o que acontece e existe entorno do ser vivente. Esse é o estado do animal, como um ser do reino animal, o ser humano também está submetido a essas condições. Porém, pelo uso da experiência, que pode ser associada à memória e a inteligência, que Condillac chamou de espírito, uma referência a Aristóteles, afasta as sensações que geram distorção e ressalta aquela que traz a verdadeira informação. Então, esse sentido se aguça e gera toda a atenção nesse momento: “uma sensação é atenção, seja porque está sozinha, seja porque ela é mais viva que todas as outras” (CONDILLAC, 1986, p. 49). É atenção porque encontra resposta na reflexão ou na memória de presença e de ausência de conhecimento. A memória acusa o reconhecimento daquela sensação e percebe a oportunidade de completar o conhecimento, daí prestar mais atenção àquela sensação.

O indivíduo tem assim duas sensações, uma que já tinha e outra que está tendo, isso ocorre porque uma parece passada e a outra atual. As duas juntas formam as sensações, uma atua nos sentidos e a outra tem a forma de memória. Isso é quase um jogo, porque a sensação somente acontece quando o estímulo atual encontra uma sensação que já existia. Segundo Condillac, “a memória não é, pois, mais do que a sensação transformada” (CONDILLAC, 1986, p. 49). Assim, todas as ideias resultam das sensações, porque, diferente do que apontou Locke, a reflexão, memória para Condillac, atua como experiência a priori, o que permite o desenvolvimento do conhecimento. Humboldt explicou que qualquer nova informação, para se efetivar como conhecimento, deve partir de um conhecimento já existente, porque o que é absolutamente novo não pode ser compreendido e nem assimilado. Fiorin (2002) chamou esse jogo de sensações de lei da exaustividade, a informação deve ser dosada na medida do conhecimento que o outro já possui daquele objeto, ou as sensações se amontoarão e a compreensão não se efetivará.

Para sintetizar a estruturação do sistema que Condillac propôs, devem-se colocar em primeiro lugar as sensações, depois de ascenderem ao status de atenção, passam por processos de comparação, e também de julgamento, por fim se tornam a reflexão. A memória e o juízo são formados na relação com as coisas do mundo, na medida em que elas causam prazer ou sofrimento.

A ausência de algo faz com que o indivíduo coloque sua atenção sobre essa sensação, que ocupa sua capacidade de sentir. As paixões nascem desses desejos, na verdade as paixões como amor, ódio, esperança, medo, vontade, são sensações transformadas em memória. Condillac disse: “A memória nos lembra o objeto que acreditamos poder contribuir para a nossa felicidade, e nesse instante a ação de todas as nossas faculdades se determina em direção a esse objeto” (CONDILLAC, 1986, p. 51). Deve-se ter claro que a ausência, contida na memória, não é paixão de prazer ou de sofrimento, enquanto não acontecer uma sensação que estimule uma sensação anterior. Portanto, é pela atualização das sensações que se entra em conjunção ou disjunção com o objeto valor dos desejos e a memória de prazer ou sofrimento.

Todos os conhecimentos do indivíduo veem dos sentidos. “O discernimento não é uma coisa inata”, segundo Condillac (p. 52), não sendo inato, somente existe se for adquirido, ou seja, aprendido. Então, pode-se prever um processo que tem um começo e que, de fato, enquanto houver vida, nunca termina, logo, está sempre em aperfeiçoamento. O discernimento é um

processo que acontece por meio de exercícios. Exercitar o discernimento significa exercitar os sentidos, fazê-los capazes de retirar as sensações mais precisas, significa aprender a olhar, a ouvir, a sentir o mundo que se coloca envolta dos sentidos. Então, não basta estar vendo uma figura para compreendê-la, não basta ouvir sons para compreendê-los, é preciso que essas sensações encontrem experiências memorizadas, que sejam ajustadas a essas memórias e transformadas pelo juízo em novas memórias ou conhecimentos.

### **A língua e as sensações**

Na primeira parte de sua *Lógica* (texto de 1781), Condillac separa as sensações e os sentidos e separa a alma do corpo. De fato, o corpo e a alma são inatos no ser humano. A dizer, os sentidos são as primeiras faculdades que o ser humano nota que possui, e a alma sente as sensações pelos sentidos. Disse também que em sendo privado da visão não se pode conhecer a luz. Em se pensando que as sensações pertencem à alma e que os sentidos pertencem ao corpo, e que elas não podem faltar, porque assim não se seria um ser humano, logo, a alma e as sensações não seriam faculdades, mas sim capacidades. Os sentidos, entretanto, como parte do corpo animal podem faltar. Pode-se dizer que eles podem ser substituídos. Assim sendo, as sensações formam a capacidade de linguagem, sensações e linguagem pertencem à alma, inatas ao corpo com alma e espírito. Por sua vez, a língua, estrutura construída através das sensações, pertence ao sentido que a constrói e, tal e qual a ele, quando ele faltar, ela também faltará. Então, o corpo, a língua e os sentidos são faculdades dos seres humanos vivos, porque podem faltar, e a alma, a linguagem e as sensações são capacidades do espírito não podem faltar à condição de seres humanos.

Na segunda parte do tratado da *Lógica*, Condillac relaciona a arte de pensar a uma língua bem feita. Considerou a parte anterior de seu texto, em que explicou a geração das ideias, afirmou que o único método para alcançar essa compreensão de algo era pela análise. Propôs que se estudassem os meios pelos quais a análise fosse possível. A concepção é a de que os conhecimentos formam um sistema, retirado da natureza, que ensina o ser humano a pensar. Então, quanto mais atentos os indivíduos estiverem às condições da natureza, tanto mais será capaz de perceber os sistemas que regulam a existência de tudo. Todas as necessidades dos seres humanos e os meios de satisfazê-las estão ligados à sistematização dos órgãos do corpo e nas relações das coisas em relação a essa sistematização. A relação é: o que se deseja e também

o que se precisa como necessidade interior são exatamente os objetos que estão ao redor. Pode-se dizer que ninguém precisa ou deseja algo que não exista a sua volta, mais exatamente que desconheça.

Há um sistema nisso, tudo que se aprendeu, mesmo não sendo muita coisa, apresenta uma ordem, aquela das necessidades que se teve e que foram resolvidas através da natureza. A ordem está dada pela ordem que as necessidades apareceram, tanto do ponto de vista do tempo como do espaço. Condillac associou essa ordem e o conhecimento dela, por ele e supostamente por qualquer outro ser humano, a um sistema que corresponderia àquele que o autor da natureza humana teria seguido quando constituíra cada ser humano. Então, tudo que se deseja e procura está perfeitamente dado na natureza, ninguém desejaria algo além dela. As palavras de Condillac são: “tudo está ligado tanto em um sistema quanto no outro. Meus órgãos, as sensações que experimento, os juízos que trago, a experiência que os confirma, ou que os corrige” (CONDILLAC, 1986, p. 100). Por essas afirmações, pode-se associar a existência da linguagem, como órgão, à constituição da língua, enquanto solução de necessidades. Desse modo que os pensadores da Gramática Comparada entendiam a língua como o meio criado para resolver a necessidade do indivíduo de se fazer compreender, ideia que foi exposta anteriormente em John Locke, no Ensaio sobre o entendimento.

De acordo com Condillac, raciocinar exclusivamente por meio de palavras seria um mau hábito. Logo, compreendia que o ser humano raciocina por meio de palavras, tal qual estava em Locke, sendo que em Locke o pensamento funciona por meio de ideias, as quais estão prontas nas palavras. Mas, as palavras, para Condillac, tornaram-se um vício para os seres humanos, e esse vício é que impede que se raciocine sem o recurso delas: (CONDILLAC, 1986, p. 101) “A arte de abusar das palavras foi para nós a arte de raciocinar, frívola, absurda, houve todos os vícios das imaginações desregradas”. Seria mais fácil raciocinar através da natureza, por si própria, esse mau hábito de raciocinar por aquilo que se costuma chamar de segunda natureza, ou substituta da natureza, que seriam as palavras, torna a arte de raciocinar muito difícil, seria como caminhar às cegas, porque essa segunda natureza é alterada e corrompida.

No capítulo II da Lógica, Condillac demonstrou como a linguagem permite a análise do pensamento. Tendo dito que os indivíduos usam as palavras sem determinar seus significados e sem ter a necessidade de determiná-los, ou seja, poder fazer de maneira inconsequente, naquele capítulo mostra como corrigir esse mau hábito. Sua primeira afirmação

é que somente se pode raciocinar por meio dos dados da natureza: (p. 103) “só podemos raciocinar pelos meios que nos são dados ou indicados pela natureza”. As palavras são absolutamente necessárias para formar ideias. Quando discutiu isso, ele apresentou conclusões muito próximas às propostas por Locke. Além disso, Condillac afirmou que os seres humanos somente pensam com ajuda das palavras, enfim, para ele, a arte de racionar começou com as línguas. Conclusão muito semelhante pode ser retirada dos estudos humboldtianos, a inteligência, o pensamento e a linguagem formam um conjunto inseparável e o raciocínio e a estrutura também.

Deve-se rediscutir a ideia de que os seres humanos são viciados nas palavras. Condillac remeteu essa discussão ao fato de que os seres humanos não têm o hábito de exercitar a metalinguagem, não se tem o hábito de refletir sobre os significados das palavras e o modo como elas são introduzidas no pensamento e como elas chegam a representar as ideias. Na Gramática Comparada e em toda modernidade, muito se defendeu o ensino de língua materna ao povo. Segundo Humboldt, o povo que soubesse sua língua com profundidade seria superior a todos os outros. Por esse caminho, e também por outros, Condillac chegou a afirmar e a reafirmar a existência de uma linguagem inata e a negar veementemente a existência de ideias inatas. Como nesse trecho a seguir: (p. 104) “os elementos de uma linguagem qualquer, preparados antecipadamente, precedessem nossas ideias, porque, sem signos de qualquer espécie, nos seria impossível analisar nossos pensamentos”. Assim sendo, sem compreender o que se produziu como linguagem não é possível desenvolver o raciocínio, é preciso analisar as partes do próprio discurso para saber o que produziu como raciocínio.

A linguagem é puro sentimento. Esse conceito está presente nos Diálogos de Platão, em Sócrates resultou na Retórica das Paixões e parece ser comum a todos os pensadores do Iluminismo e da Gramática Comparada, pois aparece em Locke, no Ensaio sobre o entendimento, e em Humboldt, na obra Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana. Condillac escreveu no capítulo *Como, em seguida, a linguagem se torna um método analítico ou língua* que “a necessidade de se ajudar mutuamente e de se comunicar e de compreender a si próprio fez com que a linguagem se tornasse métodos de análise, do mundo, dos outros e consequentemente de si mesmo” (CONDILLAC, 1986, p. 105). Humboldt explicou que um falante somente consegue entender o que produziu como conteúdo de um discurso quando percebe esse discurso na fala de outro falante. Então, os homens decompõem as ações e notam

que somente compreendem os outros quando analisam cada parte das ações deles, desse modo, sentirá necessidade de decompor as próprias ações para se comunicar mais bem.

O pensamento sente necessidade de decompor as ideias totais e as parciais. Quando decompuer suas ações e ideias parciais, que são signos, formará novas ideias. Esse método é o único que os seres humanos têm para analisar o pensamento, e não há limites para o desenvolvimento desse processo, podendo chegar aos mínimos detalhes. Como as ideias se assentam em signos, dados os primeiros de uma linguagem, o processo de análise deve ser levado adiante pela analogia. Quis dizer Condillac que todos os signos de uma língua seguem os mesmos processos de formação, é por analogia que o conjunto dos signos é ampliado, arrastado pelas mesmas regras e as mesmas necessidades: (p. 105) “sendo dados os primeiros signos de uma linguagem, só nos resta consultar a analogia e ela fornecerá todos os outros”.

A analogia é sem dúvida nenhuma a fórmula de maior vivacidade na constituição dos signos, quanto mais atuante e mais precisa for a relação analógica entre eles, mais bem representarão as ideias. Não haveria conceito que a língua, linguagem de ação para Condillac, não pudesse representar, quando o princípio da analogia estiver claro. A analogia torna os signos um sistema de representação, de tal forma que todos estão diretamente relacionados a muitos outros, tendo dentro de sua constituição, algo que fora sugerido por elementos internos e externos a língua. Segundo Condillac, “signos absolutamente arbitrários não serão entendidos” (CONDILLAC, 1986, p. 106). Pode-se dizer que signos absolutamente arbitrários não se materializam, porque todos os signos materializados na fala são sempre relativos a outros signos presentes na mesma fala ou em falas anteriormente executadas. Logo, todo signo somente seria compreendido quando estivesse relacionado por analogia, ou ao interior do próprio sistema da língua, ou no interior de ideias previamente e analogicamente relacionadas.

É a analogia que faz todo o artifício das línguas. Isso significaria que existe um sistema que antecede a manifestação em língua de qualquer forma de linguagem. Nos dizeres de Condillac, “há uma língua inata, ainda que não haja ideias que o sejam” (CONDILLAC, 1986, p. 106). Nos dizeres de Saussure, o ser humano tem inata a capacidade de aprender uma língua. O que seria inato, nessa conceituação, é sempre aquilo que está dado no organismo físico humano. Em Locke, é a capacidade de linguagem. Em todos eles, é aquilo que não pode ser aprendido, porque a língua falada é sempre conhecimento retirado das sensações. Não há como não associar esses conceitos ou esse conceito à ideia de estrutura ontológica do pensamento,

seria o valor interno da inteligência natural que faz com que o mundo materializado seja sempre organizado do mesmo modo, nem é possível saber se ele de fato é uma estrutura, porque o pensamento sempre o fará ser assim. Condillac demonstrou sua concepção: “a linguagem que denomino inata é uma linguagem que não aprendemos, porque é o efeito natural e imediato de toda a nossa conformação” (CONDILLAC, 1986, p. 106).

Quando se considera a proposição de sistema de analogias de Condillac, percebe-se que toda estruturação de linguagem é de fato uma análise. Então todo signo é uma análise de muitos outros signos, tanto é que se pode usar um para explicar outros. Assim sendo, a linguagem sempre resulta em um método analítico, porque é sempre feita por signos, de valor analógico e simbólico. As línguas são sempre estruturas compostas por signos, portanto elas são sempre métodos de análise, são uma visão simbólica e semissimbólica do mundo de seus falantes. Semissimbólicas, como propôs Locke, porque representam na realidade do falante algo de material, o signo não é um substituto, é de fato a própria materialidade do mundo. Simbólica porque permitem a referencialidade e é sempre materialidade analógica com outras realidades não referenciadas. Logo, como disse Condillac: “a análise não se faz e não se pode fazer a não ser com signos” (CONDILLAC, 1986, p. 107). Ou seja, sem o recurso dos métodos analíticos (as línguas) não haveria como analisar os pensamentos, não existindo a análise de pensamento não haveria raciocínio nem conhecimento.

## **Conclusão**

A principal característica do método de Condillac consiste na refutação radical da teoria das ideias e princípios inatos, o que o faz diferente de algumas de suas fontes, como Platão e Descartes. Como se sabe, Aristóteles e Locke até combatiam o inatismo, mas supunham como inatas a inteligência e a capacidade de linguagem. Condillac afastou toda e qualquer possibilidade de inatismo, tudo na existência do ser humano era de origem da natureza, retirado dela por meio da análise. Assim sendo, os seres humanos somente nascem com seu corpo orgânico e tudo o que for conhecimento é derivado da relação dos indivíduos com a natureza por meio de seus sentidos. As sensações que os sentidos retiram da natureza se transformam em memória e conhecimento, cada nova sensação é uma nova experiência que se soma ao conjunto da memória, ampliando o conhecimento.

O pensamento é o processo pelo qual o indivíduo administra a análise das sensações, sendo ele passível de análise e o modo de desenvolvimento do conhecimento, porque compreende as faculdades do entendimento e as vontades. Pensar é estar em contato com todas as relações que o indivíduo tem com tudo que o cerca: emoções, atenção, paixão, julgamento, imaginação, reflexão, raciocínio, desejo, esperança, medo etc. Logo, o ser humano, quando pensa, coloca em jogo sua individualidade como ser, tudo que ele é psíquica e fisicamente se coloca em presença num mesmo instante, a cada instante de pensamento, sendo seu pensamento como qualquer uma de suas práticas sociais marcados por sua individualidade físico-inata e social-adquirida.

A língua realiza a manifestação do pensamento, é um sistema que provém ao pensamento recursos para executar suas tarefas. O pensamento poderia funcionar sem a língua, mas a facilidade que ela oferece, faz dele um usuário cativo de seus recursos. O pensamento funciona por meio de uma estrutura, requer a sistematização para bem existir, a língua como sistema e estrutura oferece ao pensamento tudo o que ele precisa, por isso tornar-se viciado e corrompido por ela. Como manifestação da linguagem e do pensamento, a língua também é puro sentimento. Ela sempre é um novo começo e uma continuação do que já existe, o processo de atualização do passado em presente nas línguas se faz pela analogia. O pensamento que esteja anteriormente materializado em signo age como estruturador da nova sensação. O novo sentimento encontra explicação em sentimentos memorizados e conhecidos. Logo, língua e pensamento são um único elemento pleno dos sentimentos do indivíduo.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro, Ediouro, 1978.

\_\_\_\_\_. **Metafísica**. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Tradução para o português de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. **Acerca del alma**. Introdução, tradução do grego e notas de Tomás Calvo Martínez. Madrid: Gredos, 1994.

ARNAULD E LANCELOT. **Gramática de Port-Royal**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

CONDILLAC. É. Bonnot de. **Textos escolhidos**. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1986.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

GREIMAS, A. Julien. **Semântica estrutural**. São Paulo, Cultrix, 1971.

HUMBOLDT; Wilhelm Karl von. **Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad**. Trad. y prólogo de Ana Agud. Barcelona, Anthropos, 1990.

LOCKE, John. **Ensaio sobre o entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PLATÃO. **Diálogos: Teeteto – Crátilo**. Belém, UFPA, 1973.

\_\_\_\_\_. **Diálogos**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 2003

REZENDE, Antonio (org.) **Curso de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo, Cultrix, 1971.